

## Sobre o futuro da filosofia da história

On the Future of Philosophy of History

ROHBECK, Johannes. *Zukunft der Geschichte: Geschichtsphilosophie und Zukunftsethik*. Berlin: Akademie Verlag, 2013. 202 p.

---

### André de Melo Araújo

andre\_meloaraujo@yahoo.com.br  
Professor adjunto  
Universidade de Brasília  
Campus Universitário Darcy Ribeiro  
70910-900 - Brasília - DF  
Brasil

---

### Palavras-chave

Filosofia da história; Ética; História global.

### Keywords

Philosophy of History; Ethics; Global History.

280

---

Recebido em: 16/1/2015  
Aprovado em: 20/2/2015

O ponto de partida da interpretação de Christopher Bayly sobre o nascimento do mundo moderno apresenta um desafio de ordem historiográfica. Em 2004, o historiador inglês argumenta que todas as histórias locais, nacionais ou regionais devem ser tratadas, em muitos aspectos fundamentais, como histórias globais (BAYLY 2004, p. 2). Por história global, não apenas Bayly, mas também uma parcela significativa da historiografia contemporânea compreende menos a superação das fronteiras espaciais que delimitam a pesquisa e a narrativa históricas e mais uma forma de se colocar um problema histórico. Tanto é assim que o problema histórico que Bayly enfrenta em sua obra se configura na tentativa de traçar “o surgimento de *uniformidades* globais no estado, na religião, nas ideologias políticas e na vida econômica, tal como elas se desenvolveram ao longo do século XIX” (BAYLY 2004, p. 1, tradução nossa).<sup>1</sup>

Dez anos após a publicação de *O nascimento do mundo moderno*, Akira Iriye e Jürgen Osterhammel editam os primeiros resultados de um esforço coletivo de pesquisa em função do qual processos de conexões globais são estudados, sobretudo, em suas manifestações particulares. Uma “história global tem muitas camadas que geralmente não se sobrepõem”, define Iriye. Entretanto, elas se encontram necessariamente “conectadas umas às outras” (IRIYE 2014, p. 3, tradução nossa).<sup>2</sup> É a partir dessa diretriz comum de trabalho que os colaboradores do volume coordenado por Iriye procuram definir, em 2014, um novo problema histórico. Em *Interdependência global*, questões relacionadas à aplicação local de princípios jurídicos universalizados – como é o caso dos direitos humanos – ou à produção e ao descarte de material radioativo estruturam o desenvolvimento da narrativa dos acontecimentos históricos que sucedem à Segunda Guerra Mundial.

É no contexto de tais discussões historiográficas contemporâneas que a mais recente publicação de Johannes Rohbeck, professor de filosofia prática na Universidade de Dresden (Alemanha), deve ser situada. Há pelo menos uma década Rohbeck vem se dedicando ao estudo da “crise da filosofia da história”; crise essa que arrastou a disciplina para as margens do cânon filosófico. Como resposta produtiva à “crise”, Rohbeck propõe uma “atualização da filosofia da história”. Nesse sentido, seu projeto se define nos termos de uma “filosofia prática” que procura conferir destaque à função orientadora da filosofia da história (ROHBECK 2004, p. 17-20). O objetivo mais geral do projeto de Rohbeck é colocar em pauta o problema da responsabilidade moral sobre as ações presentes e passadas em um espaço intergeracional, aproximando o núcleo temporal projetivo da filosofia da história do campo da ética. E uma vez que esses problemas só podem ser acessados, contemporaneamente, a partir de uma perspectiva histórica global, o autor alinha temas caros à atual reflexão historiográfica à obrigação moral e política que fundamenta seu projeto de uma filosofia da história do futuro. Com grande mérito, Rohbeck renova a filosofia da história ao inseri-la em um contexto disciplinar mais amplo.

281

<sup>1</sup> No original: “The book, therefore, traces the rise of global *uniformities* in the state, religion, political ideologies, and economic life as they were developed through the nineteenth century”.

<sup>2</sup> No original: “[...] global history has many layers, which do not usually overlap but which are nevertheless connected to one another”.

O *Futuro da história* – título da recente obra de Rohbeck, publicada em 2013 – aponta tanto para o fato de que o tempo futuro traz sempre consigo o que quer que seja e chamemos de história, quanto para o fato de que toda história já abriga, em si, um conceito de futuro. A tese do livro se assenta sobre a premissa segundo a qual a nossa consciência histórica se volta cada vez mais para o *futuro*. E uma vez que a responsabilidade moral sobre gerações futuras constitui um desafio presente da consciência histórica, a filosofia da história se aproxima de uma ética do futuro – eis a tese central do autor.

Na primeira parte da obra, que tem por título “História e futuro”, Rohbeck discute o acesso hermenêutico ao passado como antecipação do futuro. Nela, procura-se demonstrar como “que o tempo futuro só pode ser imaginado como um *futuro presente*”, assim como igualmente se defende a tese de que o *significado histórico* do presente não se apoia apenas nas lembranças do passado, mas também na antecipação do futuro (ROHBECK 2013, p. 25).<sup>3</sup> Para tanto, Rohbeck reabilita o núcleo temporal projetivo do pensamento utópico no contexto da filosofia da história. A partir do conhecido par conceitual formulado por Reinhart Koselleck – a saber: “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” –, Rohbeck procura ainda desenvolver um conceito de futuro orientado para a ação, inclusive para que se possa ressaltar o componente ético do conceito (ROHBECK 2013, p. 49). E, uma vez que a todo pensamento utópico se pode atribuir uma clara função orientadora, o autor destaca o componente ético que se encontra implícito a ele (ROHBECK 2013, p. 46). Ética do futuro, utopia e filosofia da história encontram-se, portanto, conceitual e temporalmente conciliadas em *Futuro da história*.

282

Na segunda parte do texto, intitulada “Ética e história”, Rohbeck aprofunda e concretiza sua teoria dos tempos históricos. Nela, a ética do futuro se ocupa com questões de responsabilidade moral em dimensão histórico-planetária. Ao tornar o tema mais palpável, o autor se vale de problemas ecológicos e climáticos para sublinhar o intervalo temporal intergeracional entre a ação transformadora e seus efeitos, perceptíveis, por sua vez, em escala global (ROHBECK 2013, p. 80). Concretamente, Rohbeck ainda se refere às discussões sobre a responsabilidade quanto ao despejo de material radioativo no território de nações não detentoras de tecnologia nuclear. Assim, faz-se ainda mais explícita a conexão necessária entre os desafios historiográficos de uma parcela significativa do trabalho histórico contemporâneo e o projeto de definição do campo de uma filosofia prática da história. Se por história global Rohbeck entende menos uma construção metafísica ou metanarrativa do que “o processo histórico da globalização” visto a partir de suas interações sincrônicas e diacrônicas (ROHBECK 2013, p. 19), também aqui se trata menos de um debate que se encontra cercado por fronteiras territoriais do que de uma forma de se colocar um problema de filosofia prática. Desse modo, o que interessa a Rohbeck é deslocar para o campo da filosofia da história temas como universalismo de direitos, justiça intergeracional e políticas compensatórias (ROHBECK 2013, p. 89).

<sup>3</sup> No original: “[...] dass die zukünftige Zeit nur als *gegenwärtige Zukunft* vorgestellt [...] werden kann”.

Na terceira – e última – parte da obra, o autor desenvolve com mais vagar o argumento segundo o qual a ideia de justiça histórica opera com o conceito de *geração*. Em tal conceito, Rohbeck localiza uma dimensão normativa em função da qual é possível conectar a escala de vida dos indivíduos com os parâmetros temporais da história global (ROHBECK 2013, p. 131). E é exatamente no espaço temporal intergeracional que o princípio ético da *generosidade* ganha fôlego em *Futuro da história* frente à normatividade implícita à operação pragmática do conceito (ROHBECK 2013, p. 160). Nesse ponto, no entanto, o projeto de Rohbeck se fragiliza. Não deixa de ser politicamente problemática e por demasiado generosa a expectativa do autor de que os ricos países industrializados tenham, “portanto, a tarefa de deixar à disposição dos países em desenvolvimento [*Länder mit Nachholbedarf*] técnicas necessárias para que se possam evitar ou reduzir danos ambientais e sociais” (ROHBECK 2013, p. 114).<sup>4</sup> É nesse sentido que Rohbeck redefine o conceito de “progresso” nos termos da equiparação, em escala global, de níveis distintos de desenvolvimento (ROHBECK 2013, p. 172). Em seu núcleo, entretanto, a obra permanece coerente. Trata-se de um projeto em nome do qual se retoma a atualidade do pensamento utópico, cuja matriz histórica é deixada à mostra. Para Rohbeck, a filosofia da história da época do Iluminismo europeu representa a primeira formulação de uma ética do futuro (ROHBECK 2013, p. 33). Suas potencialidades, limites e desdobramentos são bem conhecidos, por sua vez, das gerações seguintes.

### Referências bibliográficas

283

- BAYLY, C. A. **The Birth of the Modern World, 1780-1914: Global Connections and Comparisons**. Malden: Blackwell, 2004.
- IRIYE, Akira. Introduction. In: \_\_\_\_\_ (org.). **Global Interdependence: The World after 1945**. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2014.
- ROHBECK, Johannes. **Geschichtsphilosophie zur Einführung**. Hamburg: Junius Verlag, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Aufklärung und Geschichte: Über eine praktische Geschichtsphilosophie der Zukunft**. Berlin: Akademie Verlag, 2010.

<sup>4</sup> No original: “Die reichen Industrieländer haben dann die Aufgabe, den Ländern mit Nachholbedarf die dafür benötigten Techniken zur Verfügung zu stellen, damit ökologische und soziale Schäden vermieden oder reduziert werden können”.